

a importância de

WILHELM REICH



Reprodução/AE

“A revolução reichiana acontece na construção de uma nova ética nas relações pessoais e sociais, em que a competição seja substituída pela solidariedade”

por João da Mata

O nazismo talvez tenha sido a maior peste emocional da história contemporânea. A lembrança do fanatismo do povo alemão, as atrocidades cometidas durante aquela guerra insana mostraram o lado cruel do comportamento social nazista. As críticas de Wilhelm Reich em *Psicologia de Massa do Fascismo* são o retrato de uma organização social autoritária, baseada na ausência de autonomia pessoal. Partindo da análise inicial da ascensão do fascismo na Alemanha e do crescente desenvolvimento das teorias revolucionárias, Reich denuncia que a submissão social, independentemente de sua forma, modelo ou situação histórica, tem sua semente no comportamento emocional assimilado de ideologias totalitárias.

Reich teve uma clara preocupação em decifrar como e por que se dava a submissão das massas aos processos autoritários, trazendo uma explicação psicológica a uma antiga dúvida filosófica. No século 16, o francês Étienne de La Boétie, então com dezesseis anos e mais tarde se tornando um importante filósofo, levantou no seu *Discurso da Servidão Voluntária* uma questão que ficou sem resposta por vários séculos. Ele dizia: “Eu compreendo que um homem queira ser tirano, mas não consigo compreender como 5.000 homens queiram ser súditos desse tirano”. Este postulado vem até nossos dias como algo atual, porém, se voltarmos nossa atenção para as descobertas de Reich, a dúvida de La Boétie é decifrada cientificamente.

Desde que nasce, um indivíduo logo recebe suas primeiras aulas de submissão. Esse processo repressor que se inicia na infância se estende até a juventude para, na idade adulta, formar um homem fraco, partido e domesticado. A mitificação do poder começa na relação familiar. Nas sociedades patriarcais, de formação religiosa e moral burguesa, a manutenção do autoritarismo conserva-se como algo inquestionável e inabalável. Logo cedo é ensinado ao filho que ele deve se submeter ao poder dos pais (lei do “pátrio poder”). Estes, por sua vez, ao poder das normas sociais e a Deus, através das igrejas. Na relação entre homem e mulher, o homem exerce o seu machismo e completa a cadeia de dominação. A mulher descobre sua forma de exercício disfarçado de poder. Ninguém reclama de submissão ao poder, porque, de alguma forma, também o exerce, de modo hierarquizado.

As escolas tradicionais avaliam o comportamento escolar pela média, deixando de lado a individualidade e originalidade dos alunos. A boa conduta é medida pela capacidade de aceitação das normas, dentro e fora da sala de aula, reforçando a submissão nas crianças. Dessa forma, a pedagogia, a serviço dos processos sociais

adaptadores, mantém-se autoritária e coercitiva.

Domestica-se o homem, tornando-o neurótico, em nome da necessidade de ajustamento social, para que seja mais fácil a obtenção do controle. É muito difícil ao ser humano escapar de todo o condicionamento adquirido ao longo de sua formação. O surgimento de tiranos encontra, dessa forma, um terreno fértil para o exercício do poder, instalado na relação dominador-dominado.

Sempre se buscaram respostas de origem econômica que de fato justificassem o processo de escravidão e dominação. Na verdade, segundo Reich, o problema é que tais processos se iniciam no indivíduo à medida que este se distancia de sua originalidade única, sua mais pura essência; à medida que a pessoa se afasta de suas reais pulsões de prazer, devido à repressão da sua sexualidade na infância, característica da educação moralista burguesa. A inibição moral e sexual acaba por reprimir a consciência, percepção fundamental para o exercício da liberdade. Ao mesmo tempo, cria uma falsa realidade baseada em prazeres medíocres.

Toda a teoria psicanalítica, baseada na concepção da civilização burguesa, sempre tomou cuidado para afastar-se dessa crítica. Para ela, as pulsões da individualidade original devem ser submetidas e controladas pelo “princípio de realidade” (normas e moralidade burguesas), como Freud explicitou em seu livro *Mal-Estar na Civilização*.

Essa era a ideologia de Freud e a psicanálise tornou-se assim uma prática terapêutica elitista, adaptadora ao sistema capitalista e burguês, portanto insuficiente enquanto processo libertador e revolucionário.

Para Reich, cabe a uma psicologia de massa despertar a consciência dos mecanismos “emburguesadores” na vida dos cidadãos. Jamais o oposto, que é adaptá-los a uma realidade autoritária, explícita ou disfarçada. Na década de 30, Reich denunciava a ascensão de Hitler, um tirano psicopata sustentado pela mediocridade emocional e sexual do povo alemão. Como naquela época, atualmente os países ocidentais parecem viver numa aparente democracia, onde todos têm garantidos os seus direitos. Onde estão os tiranos e suas terríveis atrocidades? Como podemos atualizar a crítica de Reich a uma psicologia de massa neste final de milênio, com a explosão de uma política neoliberalista e com a globalização?

O fim do sonho marxista, após sete décadas do comunismo soviético, permitiu tornar-se o capitalismo a única força política dominante. Ao mesmo tempo, denunciou a impossibilidade de associar socialismo e autoritarismo, mantido por um Estado burocrático e militar, a tese defendida desde o final do século passado pelo socialista libertário Mikhail Bakunin, adversário de Marx na Primeira Interna-

cional dos Trabalhadores, em 1867. O que parecia ser uma força contrária ao capitalismo mostrou-se, graças a esse erro, como mais uma expressão do abuso do poder do homem sobre o homem. O que se propõe como futuro modelo social é a globalização, uma sutil onipresença da colonização mundial, liderada por superpotências. Em nome do dito “mercado livre” ou pelo “fim das fronteiras”, criou-se um monstro invisível, no qual a competitividade e o egoísmo são as regras éticas.

Nesta aldeia global eletrônica, só tende a ser cada vez maior a legião dos excluídos. Pessoas que, desempregadas e sempre em maior número, se tornarão um grave problema. A hierarquia social, no futuro, tende a se dividir em apenas dois lados: os que lutarão corporativamente para manter seu lugar no mercado de trabalho e os desempregados, uma massa oprimida e marginalizada.

O neoliberalismo, primo-irmão da globalização, é o gerador da praga emocional em que vivemos hoje. Como um cosmético do capitalismo, ele é vendido como padrão para o mundo moderno. Quando o então presidente dos Estados Unidos, George Bush, defendeu a expressão “a nova ordem mundial”, tornou-se mais evidente o ponto de partida desse salve-se-quem-puder. O massacre social e econômico segue triunfando sobre os mais fracos, aqueles que não conseguem espaço na competitiva sociedade capitalista.

A economia de mercado direciona o rumo de vida na formação da personalidade dos jovens. Ela está impregnada na pedagogia familiar e escolar, sendo sutilmente fomentada através da noção de que o não atendimento às expectativas do mercado representa a exclusão social e condena à marginalidade.

Wilhelm Reich foi preciso ao denunciar, no início do século, a formação do ser medíocre que perpetua as relações dominador-dominado. Em seu livro *Escuta, Zé-Ninguém!*, Reich expurga sua ira sobre os fatores que inferiorizam as pessoas. Entretanto, só na década de 50, graças às pesquisas da antipsiquiatria, foi possível o entendimento de como isso se processa. A partir de pesquisas iniciais de Gregory Bateson, em Palo Alto, na Califórnia, os antipsiquiatras comprovaram que os desequilíbrios emocionais, podendo chegar até a esquizofrenia, são gerados por um defeito na comunicação humana. O duplo-vínculo é uma forma de comunicação que simultaneamente afirma e nega. É um paradoxo comunicacional que gera a dependência e a culpa e traz como consequência graves problemas na percepção da realidade. É importante ressaltar que o duplo-vínculo só alcança esses resultados quando associado a um forte conteúdo afetivo. Portanto, é através do amor e da ameaça de sua retirada que vai se formando a

rante aquela guerra insana travaram o lado cruel do comportamento social nazista. As críticas de Wilhelm Reich em *Psicologia de Massa do Fascismo* são o retrato de uma organização social autoritária, baseada na ausência de autonomia pessoal. Partindo da análise inicial da ascensão do fascismo na Alemanha e do crescente desenvolvimento das teorias revolucionárias, Reich denuncia que a submissão social, independentemente de sua forma, modelo ou situação histórica, tem sua semente no comportamento emocional assimilado de ideologias totalitárias.

Reich teve uma clara preocupação em decifrar como e por que se dava a submissão das massas aos processos autoritários, trazendo uma explicação psicológica a uma antiga dúvida filosófica. No século 16, o francês Étienne de La Boétie, então com dezesseis anos e mais tarde se tornando um importante filósofo, levantou no seu *Discurso da Servidão Voluntária* uma questão que ficou sem resposta por vários séculos. Ele dizia: “Eu compreendo que um homem queira ser tirano, mas não consigo compreender como 5.000 homens queiram ser súditos desse tirano”. Este postulado vem até nossos dias como algo atual, porém, se voltarmos nossa atenção para as descobertas de Reich, a dúvida de La Boétie é decifrada cientificamente.

Desde que nasce, um indivíduo logo recebe suas primeiras aulas de submissão. Esse processo repressor que se inicia na infância se estende até a juventude para, na idade adulta, formar um homem fraco, partido e domesticado. A mitificação do poder começa na relação familiar. Nas sociedades patriarcais, de formação religiosa e moral burguesa, a manutenção do autoritarismo conserva-se como algo inquestionável e inabalável. Logo cedo é ensinado ao filho que ele deve se submeter ao poder dos pais (lei do “pátrio poder”). Estes, por sua vez, ao poder das normas sociais e a Deus, através das igrejas. Na relação entre homem e mulher, o homem exerce o seu machismo e completa a cadeia de dominação. A mulher descobre sua forma de exercício disfarçado de poder. Ninguém reclama de submissão ao poder, porque, de alguma forma, também o exerce, de modo hierarquizado.

As escolas tradicionais avaliam o comportamento escolar pela média, deixando de lado a individualidade e originalidade dos alunos. A boa conduta é medida pela capacidade de aceitação das normas, dentro e fora da sala de aula, reforçando a submissão nas crianças. Dessa forma, a pedagogia, a serviço dos processos sociais

fácil a obtenção do controle. E muito difícil ao ser humano escapar de todo o condicionamento adquirido ao longo de sua formação. O surgimento de tiranos encontra, dessa forma, um terreno fértil para o exercício do poder, instalado na relação dominador-dominado.

Sempre se buscaram respostas de origem econômica que de fato justificassem o processo de escravidão e dominação. Na verdade, segundo Reich, o problema é que tais processos se iniciam no indivíduo à medida que este se distancia de sua originalidade única, sua mais pura essência; à medida que a pessoa se afasta de suas reais pulsões de prazer, devido à repressão da sua sexualidade na infância, característica da educação moralista burguesa. A inibição moral e sexual acaba por reprimir a consciência, percepção fundamental para o exercício da liberdade. Ao mesmo tempo, cria uma falsa realidade baseada em prazeres medíocres.

Toda a teoria psicanalítica, baseada na concepção da civilização burguesa, sempre tomou cuidado para afastar-se dessa crítica. Para ela, as pulsões da individualidade original devem ser submetidas e controladas pelo “princípio de realidade” (normas e moralidade burguesas), como Freud explicitou em seu livro *Mal-Estar na Civilização*.

Essa era a ideologia de Freud e a psicanálise tornou-se assim uma prática terapêutica elitista, adaptadora ao sistema capitalista e burguês, portanto insuficiente enquanto processo libertador e revolucionário.

Para Reich, cabe a uma psicologia de massa despertar a consciência dos mecanismos “emburguesadores” na vida dos cidadãos. Jamais o oposto, que é adaptá-los a uma realidade autoritária, explícita ou disfarçada. Na década de 30, Reich denunciava a ascensão de Hitler, um tirano psicopata sustentado pela mediocridade emocional e sexual do povo alemão. Como naquela época, atualmente os países ocidentais parecem viver numa aparente democracia, onde todos têm garantidos os seus direitos. Onde estão os tiranos e suas terríveis atrocidades? Como podemos atualizar a crítica de Reich a uma psicologia de massa neste final de milênio, com a explosão de uma política neoliberalista e com a globalização?

O fim do sonho marxista, após sete décadas do comunismo soviético, permitiu tornar-se o capitalismo a única força política dominante. Ao mesmo tempo, denunciou a impossibilidade de associar socialismo e autoritarismo, mantido por um Estado burocrático e militar, a tese defendida desde o final do século passado pelo socialista libertário Mikhail Bakunin, adversário de Marx na Primeira Interna-

mem homem e homem. O que se propõe como futuro modelo social é a globalização, uma sutil onipresença da colonização mundial, liderada por superpotências. Em nome do dito “mercado livre” ou pelo “fim das fronteiras”, criou-se um monstro invisível, no qual a competitividade e o egoísmo são as regras éticas.

Nesta aldeia global eletrônica, só tende a ser cada vez maior a legião dos excluídos. Pessoas que, desempregadas e sempre em maior número, se tornarão um grave problema. A hierarquia social, no futuro, tende a se dividir em apenas dois lados: os que lutarão corporativamente para manter seu lugar no mercado de trabalho e os desempregados, uma massa oprimida e marginalizada.

O neoliberalismo, primo-irmão da globalização, é o gerador da praga emocional em que vivemos hoje. Como um cosmético do capitalismo, ele é vendido como padrão para o mundo moderno. Quando o então presidente dos Estados Unidos, George Bush, defendeu a expressão “a nova ordem mundial”, tornou-se mais evidente o ponto de partida desse salve-se-quem-puder. O massacre social e econômico segue triunfando sobre os mais fracos, aqueles que não conseguem espaço na competitiva sociedade capitalista.

A economia de mercado direciona o rumo de vida na formação da personalidade dos jovens. Ela está impregnada na pedagogia familiar e escolar, sendo sutilmente fomentada através da noção de que o não atendimento às expectativas do mercado representa a exclusão social e condena à marginalidade.

Wilhelm Reich foi preciso ao denunciar, no início do século, a formação do ser medíocre que perpetua as relações dominador-dominado. Em seu livro *Escuta, Zé-Ninguém!*, Reich expurga sua ira sobre os fatores que inferiorizam as pessoas. Entretanto, só na década de 50, graças às pesquisas da antipsiquiatria, foi possível o entendimento de como isso se processa. A partir de pesquisas iniciais de Gregory Bateson, em Palo Alto, na Califórnia, os antipsiquiatras comprovaram que os desequilíbrios emocionais, podendo chegar até a esquizofrenia, são gerados por um defeito na comunicação humana. O duplo-vínculo é uma forma de comunicação que simultaneamente afirma e nega. É um paradoxo comunicacional que gera a dependência e a culpa e traz como consequência graves problemas na percepção da realidade. É importante ressaltar que o duplo-vínculo só alcança esses resultados quando associado a um forte conteúdo afetivo. Portanto, é através do amor e da ameaça de sua retirada que vai se formando a